

NA ONDA DA INDÚSTRIA

Setor consegue triplicar sua participação no valor total da produção brasileira, puxada por novos setores e pela expansão de fábricas já instaladas aqui.

No espaço relativamente curto de uma década e meia, a indústria goiana conseguiu multiplicar em quase três vezes sua participação no bolo nacional, o que contribuiu decisivamente para que a economia estadual fosse lançada à posição de 9º maior no País. Os números da Pesquisa Industrial Anual (PIA), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ajudam a contar a história do setor industrial goiano, mostrando trajetória ascendente a partir da segunda metade dos anos 90.

Até 1990, quando aquele levantamento apontava apenas 466 estabelecimentos industriais em Goiás, responsáveis por 34,5 mil empregos, o valor da transformação industrial (VTI) realizado no Estado representava somente 0,6% de toda população brasileira. Da mesma forma, apenas 0,8% dos empregos indústrias estavam em Goiás até aquele ano. Em 2005, ano do mais recente dado divulgado pelo instituto, a participação da indústria goiana no valor de transformação em todo País saltou para 1,66% enquanto a fatia do Estado no emprego gerado pela indústria brasileira chegou a 2,23%.

Encurtando o período de análise, os resultados continuam surpreendentes, confirmando ritmo de crescimento mais acelerado do que a média nacional, num comportamento próprio de economias emergentes. Na comparação entre 1994 e 2005, o total de unidades industriais instaladas em Goiás, na versão do IBGE, cresceu mais de dez vezes, pulando de 450 para 4.513. Esse movimento veio acompanhado de avanço do emprego no setor, embora em ritmo suave mais modesto. A abertura de novas fábricas e expansão daquelas já implantadas significaram a contratação de mais 107,2 mil trabalhadores, refletindo aumento de 307% para a força de trabalho industrial em igual intervalo, para um total de 142 mil empregados.

O desempenho mais impressionante, no entanto, ficou por conta da produção em si, com a consolidação do parque industrial reafirmando a vocação do Estado para uma indústria com base em recursos naturais. O valor da transformação industrial pulou de R\$ 743,79 milhões para R\$ 8,502 bilhões, ou seja, avanço ligeiramente superior a 11,4 vezes.

Nem só grãos e minérios

A trajetória da indústria em Goiás guarda estreita relação com a capacidade de reação de empresas locais, como a Halex Istar, pioneira no setor farmacêutico e hospitalar, e com decisões de grandes empresas associadas à extração e produção de minérios, grãos e carnes atraídas principalmente pela política de incentivos fiscais adotadas a partir do início dos anos 80 e reformulada na década seguinte.

Tradicional no setor de soluções parenterais de grande volume e líder no segmento, a Halex Istar começou a surgir ainda em 1959, com a criação da Indústria Química Istar Ltda, que mais tarde, já em 1970, decidiria se unir ao laboratório Halex Ltda, fundado em 1967. A fusão lançou as bases para a expansão acelerada da empresa nos anos seguinte, agora sob denominação de Laboratório Halex Istar Ltda.

Atualmente com mais de 900 trabalhadores, ocupando área de 50 mil m² e filiais em São Paulo, no Rio de Janeiro e Recife, a Halex Istar mantém programa permanente de investimentos em tecnologia e em modernização de suas linhas, ganhando destaque como umas das primeiras indústrias do setor no País a produzir soluções parenterais de grande volume em sistema fechado.

PERDIGÃO

Num setor mais convencional, em meados da década de 1990, cumprindo planejamento estratégico cautelosamente desenhado por sua direção, a Perdigão decidiu descentralizar seu parque de abates e de industrialização de carnes de aves e suínos, diante do esgotamento da fronteira agrícola no Sul do País e acirramento da competição por milho e soja.

O grupo vinha abastecendo suas unidades no Sul com grãos adquiridos em Goiás, Mato Grosso e mesmo no Tocantins. Nos cálculos da empresa, divulgados à época, para transportar uma tonelada de milho, gastava-se duas vezes mais do que o custo de frete de uma tonelada de frango desossado e 20% a mais do que o transporte de uma tonelada de carne de porco sem osso.

A Perdigão escolheu Rio Verde para instalar o que chegou a ser denominado como o maior complexo de produção de carnes da América Latina. O empreendimento recebeu investimentos iniciais de R\$ 517 milhões a partir de 1997, incluindo dinheiro da Perdigão, de seus integrados e de empresas transportadoras. Outros R\$ 500 milhões entraram nos anos seguintes para a expansão do complexo, elevando sua capacidade de abate para 2,1 milhões de aves e 21 mil suínos por semana, num total de 298 mil toneladas de carnes por ano.

Em março de 2007, a empresa inaugurou o segundo complexo em território goiano, num investimento total de R\$ 510 milhões. Instalada em Mineiros, a unidade tem capacidade de abater 24 mil perus e 140 mil frangos (ou chester) por dia, produzindo 81 mil toneladas de carne por ano. Praticamente 80% da produção será destinada ao mercado externo. A planta de Jataí, adquirida em agosto do ano passado, receberá, neste ano, investimento de R\$ 162 milhões, dobrando sua capacidade de abate para 140 mil aves por dia.

Até o início de 2008, segundo a empresa, os projetos desenvolvidos em Goiás consumiram R\$ 1,65 bilhão, dos quais, R\$ 606 milhões foram aplicados pelos criadores integrados. A Perdição gera 9,2 mil empregos diretos e, estima-se, outros 27,9 mil de forma indireta, apenas no Estado. O grupo anunciou sua decisão de investir mais R\$1,1 bilhão em Goiás nos próximos três anos, reforçando os complexos de Mineiros, que passaria a abater 280 mil aves por dia, e de Rio Verde. Os sistemas de integração em Mineiros, Jataí e Rio Verde deverão receber injeção de R\$ 700 milhões, com recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO).

Perto de R\$ 62 milhões foram reservados para a expansão do centro de distribuição em Rio Verde, transformando-o em um dos maiores do grupo no País. Com previsão para operar a plena carga a partir de outubro próximo, o CD vai abrigar 16 mil posições de armazenagem, consolidando a movimentação de cargas entre regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e parte do Sudeste. A diversificação dos negócios da empresa, com a compra da Eleva Alimentos, levou a Perdigão a incorporar a unidade de leite longa-vida da marca Elegê em Itumbiara.

SAMA

Instalada em Minaçu, no Norte goiano, desde 1967, quando veio transferida da Bahia para explorar a mina de amianto crisotila descoberta cinco anos antes, a Sama Minerações Associadas tornou-se a terceira maior produtora de minério no mundo, com capacidade instalada para 270 mil toneladas por ano. A empresa responde, atualmente, por quase 12% da produção mundial e destina 40% de sua produção para a exportação. A libra está presente em mais de 20 países da Ásia, América Latina, África e do Oriente Médio, Colômbia, Nigéria, Emirados Árabes Unidos e Irã, de acordo com a empresa.

Entre 2003 e 2007, a mineradora investiu R\$ 51,0 milhões na mina na planta industrial, envolvendo melhorias no processo, em novas tecnologias e projetos socioambientais. A produção no mesmo período aumentou de 210,115 mil para 254,204 mil toneladas, num avanço de 10%. As suas vendas saltaram quase 27%, passando de 217,139 mil para 275,052 mil toneladas.

MITSUBISHI

A Mitsubishi Motors do Brasil inaugurou em setembro de 1988 sua planta em Catalão, numa área total de 630 mil m², já de olho em futuras expansões. A etapa inicial, com 14 mil m² de área construída tinha capacidade para 10 mil unidades por ano, iniciando a produção com a linha L200, de cabine dupla. Numa fase seguinte, em agosto de 2002, a empresa passou a montar a Pajero TR4, incrementando as vendas e preparando terreno para a terceira e última etapa do Projeto Anhanguera, inaugurado em agosto de 2003, ampliando a capacidade para 30 mil unidades por ano.

De acordo com a empresa, a fábrica de Catalão, com 57 mil m² de área construída, produz em média 90 a 100 veículos por dia, incluindo os modelos L200 Triton, L200 Outdoor, Pajero TR4 Flex e Pajero Sport, além dos veículos da linha Competition. Planos de expansão não foram congelados pela montadora, que adquiriu terreno de 108 mil m² em frente a suas instalações atuais para abrigar novas linhas no futuro.

AVANÇOS E RETROCESSOS

O valor bruto da produção - que considera as vendas totais de produtos e serviços, a variação de estoques acabados ou em elaboração, incluindo insumos importados - cresceu ainda mais aceleradamente, ao sair de R\$ 1,734 bilhão em 1994 para R\$ 23,432 milhões em 2005 (13,5 vezes mais). A variação embute um dado não tanto positivo quanto aparenta. Isso significa que a indústria goiana como um todo passou a recorrer em escala crescente a atividade de montagem de bens finais, a partir de peças, acessórios e partes trazidas de outras regiões ou importadas de outros países, com aparente redução do uso de insumos locais, num sintoma de desindustrialização, na visão do Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial (Iedi).

A tendência pode ser avaliada com maior nitidez quando se acompanha o comportamento da relação entre valor de transformação industrial e o valor bruto da produção ao longo dos anos. Em 1982, quando o Estado iniciou, de forma mais agressiva, o uso de instrumentos de política industrial, com incentivos baseados no Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o valor da transformação representava 42,29% do valor bruto produzido pela indústria goiana.

Esse percentual elevou-se para 45,02% em 1990, ponto máximo até agora alcançado. Quatro anos depois, o indicador já havia recuado para

42,89%, bastante próximo dos níveis observados em 1982. Na metade final dos anos 1990, a queda aprofundou-se, com o índice recuando para 38,04% em 1996, depois para 37,14% em 1999, quando grandes projetos nos setores de carnes e grãos já haviam começado a se instalar em Goiás, até desabar para 33,70% em 2000.

Houve alguma recuperação num período mais recente, provavelmente já refletindo o processo de maturação daqueles projetos, mas em amplitude ainda modesta. Em 2004, o indicador oscilou até 34,06%, subindo a 36,28% em 2005.

ACIMA DA MÉDIA

A partir de 1996, a nova série da PIA mostra que a receita líquida de vendas aumentou quase seis vezes no Estado, pulando de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões em 2005, em valores nominais. Na ponta do lápis, uma variação acumulada de quase 479% em nove anos, enquanto as vendas da indústria no restante do País cresciam "apenas" 246%. A fatia da indústria goiana na receita líquida de todo o setor avançou de 1,23% em 1996 para 1,46% e, 1999 até atingir 2,05% há dois anos. Com a chegada de novas indústrias, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American (Projeto Barro Alto), e a expansão de outras, a exemplo da Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais, essa participação deverá indicar novos incrementos nas pesquisas seguintes.

O valor da transformação industrial (VTI) igualmente cresceu em ritmo mais acelerado do que o restante do País, acumulando variação de 372,5% em Goiás, frente a 218,5% na indústria brasileira como um todo.